



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

25 de Junho de 2005 • Ano LXII • N.º 1599
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tribuna de Coimbra

«Seara lourejante» carente de braços e ceifeiros

ONTEM, Domingo, Dia do Senhor, preparei-me para ir a uma aldeia, aqui, bem perto, para celebrar o Baptismo de uma filha de um dos nossos Rapazes. O Prior quis que presidisse à celebração da Eucaristia dominical. Nós, os Padres da Rua, não somos priores. A «rua» é o lugar da nossa missão. É por causa dela e do que produz que nós a palmilhamos com devoção. É por isso que quando chegamos ao Altar vamos «quentes» e, não raro, o povo logo nota: «Olha é um padre do gaiato». O Padre Américo, contudo, advertia para a sua condição de pecador: «Sou um pecador de sete vezes ao dia... não valho nada... sou um impelido». Era a sua carta de apresentação que permitia a Deus o toque sublime nas almas. Presidimos e pregámos a Palavra. Jesus teve compaixão da multidão... porque eram como ovelhas sem pastor. Pedi, pedi ao dono da seara que mande trabalhadores... recebeste

de graça dai de graça! Quanta reflexão esta Palavra divina nos permite fazer sempre com os olhos postos na «seara lourejante», carente de braços e de ceifeiros. Tanta gente a morrer à míngua por escassez de quem vá da seara à eira, da eira ao forno, do forno ao cenáculo e parta, reparta o pão da vida com abundância. É o mundo passando fome, fome de Deus. Foi neste espírito que desenvolvemos a cerimónia do Baptismo da criança para que se tornasse morada de Deus e Templo da Sua Glória.

Foi uma festa eucarística íntima, também na tarde que se seguiu. Tudo para Glória de Deus. Em casa do nosso gaiato seguiu-se um almoço muito familiar. Antes, porém, a bênção da casa nova, construída com muito esforço e poupança, pois os dias que correm são difíceis. Estavam familiares de ambos, que discretamente apresentavam com pormenores de vida próprios de quem no seu viver não

esquece as dificuldades alheias, de quem não construiu a casa só para seu gozo pessoal. Gente grande!

Quando me preparava para regressar, e me despedia, ouço em tom feliz de desabafo: «Ó senhor

Padre, a minha filha teve muita sorte em ter encontrado este Rapaz...!» Chamei os dois Rapazes, gaiatos que foram comigo. Quis que ouvissem este testemunho. Eles andam na casa dos vinte

e tal... Anima-os, dá-lhes gosto pela perfeição. Como eu gostaria de lhe ter deixado uma prenda bem mais avultada. O gozo íntimo deste dia, em nós, foi sem preço.

Padre João

Momentos

Discernimento

FUI, com os Rapazes da Casa do Gaiato de Lisboa, fazer a sua Festa a Tomar, terra de muitos amigos e assinantes do jornal.

O Cine-Teatro já não tinha lugares vazios em toda a plateia, quando chegámos, apesar do calor sufocante da tarde, o que me surpreendeu e rejubilou, obrigando-me a descobrir um lugar no balcão de cima, longe do palco.

As pessoas, como eu, aguardavam o começo do espectáculo, ansiosas por ver os Rapazes, a sua actuação, o desenrolar do argumento e a diversão da Festa; quando sinto baterem-me nas costas, em saudação fraterna e feliz: «Olá, padre, muito gosto em vê-lo por cá!...»

Era o Pároco de Tomar! — Vestido com a simplicidade de pessoa pobre, sem qualquer sinal que identificasse o seu carácter e a sua missão sagrada, aquele senhor irradiava de si o que realmente é: — Homem de Deus! Pastor devorado pelo zelo do seu povo e feliz por se encontrar no meio dele a consolar os pobres.

O nosso encontro desenvolveu-

-se mais, após o espectáculo, na abundante e variada merenda que o seu Grupo Caritas ofereceu aos Rapazes, no salão dos Bombeiros da cidade.

Foi ele quem arrebatou aquela gente, convidando, incentivando e animando. Até tinha desejado que um dos nossos padres tivesse ido lá, nesse Domingo, pregar a Palavra de Deus. Se eu tinha sabido desse desejo e me tivesse apercebido de tão grande abertura, não me esquivaria.

Um grupo de homens e senhoras serviam os Rapazes com evidente satisfação.

O Padre António Borga, conversava comigo e partilhava o seu apostolado relativamente à pastoral caritativa da sua Igreja: «Assistimos a mais de duzentas famílias, dando alimentos que também vamos buscar, todas as semanas, às grandes superfícies comerciais da zona, pagamos muitas rendas de casa, receitas médicas, água, luz, etc.»

É um grupo empenhado, comprometido a viver a sua fé e a ser luz do mundo com boas obras!...

Outro bocadinho de História

EM campo de Fé, com certeza se não requererá de ninguém imaginação para afirmar qual é o «Santo Protector» da Obra da Rua, aquele que diremos intercessor *por natureza* junto de Deus em favor dela. Parece-me tão óbvio que me sabe a pleonasmia rezar a Pai Américo para que ele suplique por nós.

É penso que o mesmo acontecerá aos Salesianos e aos Vicentinos e aos Irmãos Hospitaleiros e aos Franciscanos... em relação a S. João Bosco e a S. Vicente de Paulo e a S. João de Deus e a S. Francisco de Assis... — a todas e cada Família Religiosa frente ao seu Fundador ou sua Fundadora.

Rezar-lhes é pormos a nossa decisão incondicional e toda a firmeza de que é capaz a nossa fragilidade em mantermo-nos fiéis ao seu *carisma*, aquela Graça específica de que o Espírito de Deus os dotou e segundo a qual os impeliu — nós, os que pelo tempo em fora fomos chamados e impelidos pelo mesmo Espírito a servir os homens no exercício daquela Graça.

— Em todas as Missas há ofertórios — explicava o sacerdote, de olhos a brilhar, fixos nos meus!

— Sim, também acho que não há Eucaristia sem ofertório!...

— Não é só a Pessoa Histórica de Jesus que adora a Deus na Missa; é, sobretudo, a Pessoa Mística, o corpo que nós somos, o qual actualiza a oblação mais perfeita da humanidade, realizada com nossa Cabeça: Jesus Cristo.

Na verdade, o ofertório faz parte integrante da Missa comunitária.

O Padre expunha: — Os ofertórios das Missas dos casamentos, baptizados e funeraiis revertem todos para esta actividade social.

Cheia de Graça — só Uma: Maria Santíssima. A pequenez do homem não comporta a plenitude. E por isso Deus a reparte e distribui em Graças segundo o Seu desígnio e exige e espera do homem, sim, a fidelidade de cada um à sua Graça. Santo (nunca Santíssimo!) é quem a acolhe com simplicidade de criança e a trabalha até ao fim com responsabilidade adulta, própria de quem administra o que não é *seu* senão para o bem de todos — e terá de prestar contas da administração.

Pai Américo, nos últimos tempos da sua vida cá, insistiu nesta afirmação profética: «A minha Obra começa quando eu morrer». Primeiro ele a não tinha por sua. Aquele «minha» era a voz da vulgaridade e o sentido possessivo que lhe dava era somente na ordem da execução. A Obra era d'Ele, do Espírito que o chamara e o impeliu. Por isso a sua morte tornaria mais explícito Quem o verdadeiro Possuidor, Quem o Senhor dela.

Porque os Santos, tendo a inteligência e o coração em Deus, não

Sobretudo nos funeraiis insisto sempre a propósito e a despropósito (como gostei desta citação do Apóstolo!...) de que as flores, passados dias, são lixo e as boas obras permanecem para sempre. O Sol não as queima. O seu perfume recende por toda a Eternidade.

Reconhecida pelo seu valor a amplitude e o acerto desta actividade, o Estado quis entregar ao Grupo de Caritas de Tomar, a atribuição e a conferência do chamado rendimento mínimo.

O Grupo rejeitou, e a meu ver, com clarividência!

O Estado que faça a sua acção.

deixam de ter os pés na terra; e os últimos tempos da sua vida cá não foram fáceis. Pai Américo sabia bem do frágil suporte humano que ficaria quando o Senhor viesse por ele. Mas sabia também, com a certeza inabalável da sua Fé heróica, que era o Senhor Quem ficaria como garante. E decerto antevia já que o Céu não é simplesmente «o eterno descanso», mas uma participação misteriosa e incomparavelmente poderosa com o *Acto Puro* que Deus é — e partiu disposto a «trabalhar» LÁ consoante fosse preciso cá. A sua afirmação profética fazia eco à Promessa do seu Mestre aos também frageis Discípulos que deixou: «Não vos deixarei órfãos». E eu não me lembro de, apesar da tensão terrível entre a nossa dimensão pequenina e a imensa das tarefas e problemas a enfrentar, termos experimentado o sentimento da orfandade, tão evidente era a assistência que, imediata ou mediante outros, nos chegava na oportunidade certa.

Claro que esta assistência não cabe na nomenclatura de milagres; pertence à ordem da Providência. Mas a continuidade da Obra, então sobre os ombros de três jovens padres, sem experiência nem autoridade adquirida — essa sim foi da espécie do milagre, porque o que seria mais provável ter acontecido,

Continua na página 4

Nós somos apenas um suplemento.

Mais ainda: A acção social do Estado é, normalmente, marcada por um cariz político.

O amor cristão, revelado nas boas obras, gratuitamente, em favor dos pobres, é pura actividade apostólica.

Como seria de grande discernimento para a Igreja uma visão clara da sua actividade social.

Diminuiria arrogância das instituições estatais, suportadas, tantas vezes, por gente que se diz cristã e brilharia com mais fulgor e autenticidade a Luz de Cristo.

Padre Acílio

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

HABITAÇÃO DO POBRE — «Sucedem, muitas vezes, vestirmos uma família necessitada, e encontrá-la passado pouco tempo coberta de farrapos. A roupa de baixo não se lava, a de fora não se tira para dormir; não se cose um rasgão nem se deita um remendo. É realmente caso para desanimar.

A caridade, porém, nunca se cansa e tudo desculpa. Exortemos um e outro dia, sem nunca nos irritarmos, e pensemos que naquele desleixo há menos culpa do que infelicidade.

Procuremos na família o membro que for menos deixado, e com pedidos, admoestações e promessas, procuremos corrigi-lo, se conseguirmos que dê o primeiro passo, estará feito quase tudo, porque lhe agradecerá ver-se mais limpo, e que o distingamos dando-lhe a preferência, e notando também que é mais considerado por toda a parte, já que o traje influi tanto em tudo.

Ao mesmo tempo que estimulamos o que procura emendar-se, procuremos que o incorrigível receba humilhações sem que suspeite que contribuimos para elas, e ainda que isso nos pareça duro, deixemo-lo sofrer os rigores da estação, já que não cuida do vestuário que o poderia agasalhar, e digamos-lhe com pesar: Meu amigo, sinto deveras, vê-lo nesse estado; mas como o dar-lhe um vestuário, o mesmo é que estragá-lo, e há tantos que dele necessitam, não o posso fazer em consciência.

A suavidade da fala e a severidade do castigo talvez consigam emendá-lo.

A culpa da desordem e do desleixo do vestuário, cabe principalmente às mulheres, e a elas nos devemos dirigir, apelando para os seus bons sentimentos, amor próprio e instinto de abnegação.

Uma prenda de que se não importaria pela comodidade que dá, talvez cuide dela, porque lha levamos no dia do seu santo ou do nosso, pedindo-lhe que a conserve como uma recordação.

Talvez se atreva a coser, como lhe demos uma caixinha de linhas, dedal e agulhas. Talvez a mova a gratidão ou o desejo de nos agradar, e poderá, por nós, o que não faria por sua causa.

Falemos-lhe na beleza dos filhos que melhor sobressairia se tivessem a cara lavada, e um dia, em ar de graça, tiremos do bolso um pedaço de sabão e façamos que se lavem as crianças.

Conceição Arenal»

PARTILHA — Assinante 53241, do Luso, 60 euros relativos «às nossas cotizações de Abril e Maio, que dada a nossa ausência do Luso só agora fazemos. Votos da melhor saúde para toda a equipa que trabalha na vossa Conferência». Deus lhe pague.

Cinquenta euros do assinante 28708, de Coimbra, «para minorar os sofrimentos dos vossos doentes e pobres».

Paço de Arcos, «a partilha habitual» da assinante 5963, «com saudações fraternas no amor ao Pai». É uma presença já de há muitos anos!

Outra presença, idem, da assinante 7769, do Porto, «que seja mencionada apenas com o meu número de assinante», já dito. O cheque desta senhora «é destinado em memória de meus pais». Também tenho saudades do seu Pai...!

Assinante 50913, de Oliveira de Azeméis: «Como tinha prometido, aqui envio esta pequenina migalha (25 euros) e com ela vai uma grande vontade de ajudar os que mais precisam. Bem hajam».

A assinante 13679, do Porto, destina parte do cheque de 100 euros para O GAIATO, «e o remanescente o sabereis repartir com amor nos casos mais aflitivos. E peço uma prece por todos os meus entes queridos e pela Paz do Mundo».

Agora, vem lá o assinante 19148, do Porto, com cinquenta euros, «migalha para tapar o 'buraco' da farmácia. Rezo à Santíssima Trindade para que nunca vos falte coragem nestes conturbados tempos em que vivemos. A Igreja de Jesus Cristo é perene... Vós sois Igreja assente na rocha».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

PISCINA — Começou a operação de limpeza da piscina. O «Russo» e o «Teixugueira» tiveram a honra de perder o feriado para adiantar a limpeza, para que o mais depressa possível esteja ao serviço dos Rapazes. Uma grande atitude que prova que não somos um colégio.

OBRAS — Estão em fase adiantada as obras na antiga eira, que irá servir para acolhermos com mais hospitalidade quem nos visitar e queira ficar uns dias connosco.

Hugo André da Cruz

DESPORTO — Os Juvenis, que estiveram parados por causa do Inter-Casas, deslocaram-se o fim-de-semana passado à Sobreira para defrontarem o Clube daquela terra. Ganharam por 0-1, com golo de Rolando, que saiu ao intervalo, por já não aguentar mais. Muitas «banhas»...!

Uma viagem curta, onde tudo correu bem, apesar de não haver memória de se ter falhado tantos golos, num jogo só. Esta paragem prejudicou, a até certo ponto, o colectivo desta equipa de Juvenis, que irá, creio eu, ser uma mais valia para a época de 2005/2006.

Os Seniores receberam a equipa de futebol de Duas Igrejas, com quem empataram a quatro bolas. Um jogo longe de ser brilhante, apesar de termos marcado primeiro. Quando a cabeça não... pensa e não pensa bem, nada sai como deve ser. É pena, porque temos equipa para nos batermos com quem quer que seja. No que diz respeito a este jogo, pouco... mais há a dizer, a não ser que os marcadores de golos foram: «Russo», Rogério, Licínio e Agostinho que entrou já na segunda metade do desafio. «Gaivota» entrou a quinze minutos do fim, e ia fazendo o golo da vitória. Tem muita força de vontade de vencer, e sobretudo, muito espírito de sacrifício. Ele e o André, que quando entrou, combinou muito bem no meio campo com Serafim, Gil e Ricardo Filipe.

Falando ainda da final do Inter-Casas, apenas acrescentar, dizendo que foi agradável de ver jogar pela Selecção: Zé Carlos, António Manuel e Ronaldo de Miranda do Corvo; e ainda o Barroso de Setúbal. Não só pelo futebol que praticaram, mas, e sobretudo, pela postura exemplar que tiveram dentro das quatro linhas. «Cheinho», também de Setúbal, jogou bem, e sabe jogar a bola. No entanto, neste jogo, estava mais preocupado em jogar para si, do que propriamente para a equipa, prejudicando-a sem querer!

Alberto («Resende»)

Miranda do Corvo

INTER-CASAS — Chegou ao fim o campeonato de futebol entre as Casas do Gaiato. A final, deste campeonato, foi disputada na Casa organizadora, Paço de Sousa, entre a equipa vencedora do torneio, Tojal, e uma selecção feita entre as restantes Casas do Gaiato.

Neste dia houve uma união entre todos os Grupos Desportivos na respectiva Casa organizadora, este encontro iniciou-se com um almoço e seguiu-se a entrega dos prémios; foram distribuídos vários prémios, o que, por um lado, é bom, mas, por outro lado, acho que é mau, pois tira algum mérito à equipa vencedora.

Durante a cerimónia da entrega dos prémios houve sempre bastantes novidades, alegrias e tristezas, a grande novidade, para nós, foi a eleição da nossa Casa para organizar o Inter-Casas no próximo ano.

Depois da cerimónia, realizou-se o jogo que ficou empatado a dois golos. Um jogo bastante bem disputado entre as duas equipas, onde não faltaram oportunidades de mostrar a razão porque o Tojal ficou em primeiro lugar. Muitos parabéns.

No fim do jogo e depois dum enorme festejo por parte da equipa vencedora, houve uma merenda-ajantarada para recuperar as energias perdidas dentro e fora do campo. Por todos me despeço deste Inter-Casas e até prò ano.

ESCOLA — Aproxima-se, agora, o final do ano lectivo e, nestas últimas semanas, realizaram-se os últimos testes, é a oportunidade de mostrarmos aquilo de que somos capazes; portanto, esforcemo-nos para subir as notas negativas e melhorar as positivas, pois, só assim, nos espera um futuro melhor.

A todos desejo boa sorte para esta última temporada.

ÉPOCA BALNEAR — Com a chegada desta vaga de calor mais parece que é Verão. A piscina já foi limpa e está pronta para se darem uns bons mergulhos.

Com este fim-de-semana prolongado, por causa do 10 de Junho, aproveitámos para dar uma limpeza à nossa casa de praia, onde «alguns» persistem em fazer estragos.

Vão fazer-se obras, bem merecidas, na cozinha, na sala, etc., para melhoramento de condições.

VISITA — Os poucos rapazes que ainda estudam na nossa escola, reali-

zaram uma visita de estudo, no dia 31 de Maio, ao Oceanário, em Lisboa. Ficaram fascinados pela enorme variedade de peixes, que viram e desconheciam.

O que mais gostaram foi da lontra «Amália».

PEDIDOS — Durante o Inter-Casas pedimos bolas, chuteiras, equipamentos, luvas de guarda-redes, caneleiras, redes de futebol e de futebol de cinco, e continuamos a pedir.

Já, agora, pedimos, também, uma televisão, de razoáveis dimensões, para se poder instalar a TVCabo, há muito desejada pelos Rapazes. E, também, material de informática para se montar uma sala de computadores, para avançarmos tecnologicamente.

Aproveito para agradecer à D. Fátima, explicadora de filosofia, e ao senhor Arquitecto do Porto que nos ofereceram a impressora.

Adriano

Benguela

ESCOLA — Terminou o primeiro trimestre, saíram as notas e os resultados não foram muito bons, o que mostra que, no segundo trimestre, os rapazes terão de redobrar o esforço para mudar este quadro, triste, e para conseguirem melhores notas.

TOMATE — O tempo chuvoso passou e estamos no tempo do cacimbo, isto é, no tempo de frio. Este tempo é muito bom para a plantação do tomate e, assim, já se plantou uma parte. Oxalá haja uma boa colheita, pois precisamos muito do tomate nas nossas refeições, e não só.

MILHO — Também semeámos milho, do qual sairá a nossa fuba e cuja palha será para a alimentação dos nossos animais. A colheita do milho tem sido sempre boa, só que os insectos não param de danificar certas espigas.

PORCOS — Os nossos porcos estão a desenvolver-se tão bem que, agora, já temos várias crias e a nossa criação está a ter o mesmo peso que já teve antes. Só esperamos que não surja, de novo, uma peste suína e os leve a todos, pois a carne de porco é muito boa e nós gostamos muito.

OBRAS — O nosso Padre Manuel recebeu a casa que tinha emprestado aos seminaristas e pretende fomentar e materializar um projecto. Aquela casa será o novo infante e já cá estão as Irmãs que hão-de colaborar no funcionamento dele. Os mestres e alguns rapazes já começaram as obras de restauro, uma vez que ela foi deixada danificada.

M.S.A.

Setúbal

PISCINA — A nossa piscina já está a funcionar, para os nossos rapazes se divertirem o Verão todo. Temos que estimar bem a piscina porque os senhores que estiveram a fazer as obras nela, tiveram muito trabalho. Já não temos de a lavar porque ela pró-

pria limpa a água. Temos dois canteiros de relva ao pé da piscina, para nos sentarmos a apanhar sol.

VACARIA — Há muito tempo que não tínhamos vacas para parir. Nasceram quatro bezerras e um macho. As mães ficaram bem. Estão a dar muito leite para as suas crias. Temos ainda duas novilhas para nascer.

FESTAS — Estão a correr bem. Temos a última neste dia 25 de Junho no Seixal, Sociedade Filarmónica União Seixalense, às 21h30, e esperamos que corra tudo bem. Contamos que os espectadores não falem à nossa Festa.

PATOS — Continuamos a ter muitos patos e patas. Damos-lhes comer para se alimentarem bem. Também nunca mais matámos patos porque estão a fazer criação. Ainda temos galinhas e galos. As galinhas estão a dar muitos ovos para comermos. Elas estão muito gordas. Um dia mais tarde estão na panela.

ESCOLA — A Escola já terminou para todos os rapazes. Estamos agora à espera dos resultados do que os rapazes andaram a fazer ao longo do ano lectivo. Esperamos que todos passem.

Horácio

Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

12 DE JUNHO — Estava um dia cinzento, a Assembleia Geral dava início, uma hora depois. A ordem de trabalhos primava pelo seguinte diapasão: aprovação do relatório e contas, busto de Pai Américo, órgãos sociais, e diversos. O número de presenças foi fraco, a nossa logística atrasou-se demasiado e a correspondência não funcionou como era pretendido. Lamento, caros colegas, espero que o meu pedido de desculpas seja aceite, com os votos de que não aconteça de futuro. Contudo, o plenário foi animado, cheio de soluções, com bastantes comunicações de nota digna. O ponto mais alto foi o busto do estimado Fundador das Casas do Gaiato, Pai Américo. O orgulho de se homenagear alguém que revolucionou «o rapaz da rua», é um desejo tão apetitoso como querido.

3 DE JULHO — Parabéns Obra da Rua, parabéns Casa do Gaiato de Setúbal, parabéns a todos os Gaiatos que por esta Casa passaram e aos presentes, parabéns aos que singraram na vida dentro da pedagogia que Pai Américo nos legou, parabéns a todos os que seguem esta Obra de perto e de longe, porque também é Vossa esta Obra, que sem vós nada era possível, parabéns a todos os Padres das Casas do Gaiato e Mães, ora ainda estejam entre nós ou já partiram. A força de se fazer o Bem, não pode ser ignorada. Deixar tudo, em prol dos outros, como Cristo escolheu os seus Discípulos, sem luxos, sem nada, às cegas, na construção de uma vida a alguém que precisa — «o rapaz da rua».

Correspondência dos Leitores

Milhares de pessoas vos apoiam

«... Espero também que continueis a incluir n' O GAIATO as cartas de leitores que expressam a sua opinião e testemunho de revolta contra os que procuram caluniar a Obra do Pai Américo e de seus continuadores.

A Obra do Padre Américo é também dos muitos milhares de pessoas que a apoiam, que a apoiam e continuarão a apoiar porque a conhecem bem e já veneram o seu Fundador esperando a sua beatificação.

Assinante 17478».

Em S. Pedro D'Alva começaram as Colónias de Férias

«Senhores Padres da Obra da Rua: Venho hoje pedir para me fazer assinante, mais outra minha irmã, do jornal O GAIATO. Há muitos anos que amamos essa Obra de Deus, mas nunca pensámos em assinar O GAIATO; mas, agora, que mãos sujas e consciências mesquinhas tentaram, e tentam, sujar uma Obra ímpar e intocável, nós queremos ajudá-la e acarinhá-la desta forma.

Foi nesta terra — S. Pedro de Alva — e num casarão dos meus pais que começaram as Colónias de Pai Américo, que tão bem fize-

ram a tantos rapazes da rua!

Força e coragem! As obras grandes têm sempre que passar pela cruz; o Inverno passará e a vossa Obra sairá mais forte.

Assinante 79202».

Inaptos e oportunistas tentam manchar a Obra da Rua

«Tenho acompanhado com tristeza as notícias com que os inaptos e oportunistas tentam manchar a Obra da Rua e não é por acaso que surge precisamente na altura em que foi lançado o livro sobre o Projecto educativo do Padre Américo, felizmente apoiado e acarinhado por muito boa gente.

Infelizmente, vivemos num País do 'faz de conta' com muitos 'Doutores', 'Inspectores' e 'Técnicos' incompetentes, que procuram, por todos os meios, ocupar lugares dispensáveis. Com a vossa Fé, dedicação e trabalho a Obra não parará.

Assinante 31086».

Amor, trabalho e responsabilidade

«Venho com toda a consideração e respeito dar-vos a minha solidariedade contra esta campanha que se gerou, por motivos inconfessáveis, contra a Obra da

Casa do Gaiato que sempre apoiiei e admirei ao longo dos anos e continuarei a apoiar, pois concordo plenamente com a pedagogia por vós utilizada: amor, trabalho e responsabilidade.

Assinante 46445».

Deixai os cães ladrar

«Acaba de chegar ao meu correio o vosso jornal O GAIATO. Este tem um valor invulgar pelos seus artigos, que traduzem toda a vossa Obra de amor. Deixai os cães ladrar, pois a vossa caravana, carregada de obras inigualáveis, continua sem vacilar o seu caminho, traçado pelo Padre Américo; depois dele vieram outros e outros e a Obra não tem fim.

Deus vos proteja para continuardes tão grande Obra.

Assinante 13385».

A negação da verdade, do bem e da Justiça

«Que sociedade é esta em que vivemos, que mundo egoísta e perverso é este onde vivem homens bons, mas outros que nada fazem, convencidos de tudo saber, prontos a caluniar e destruir?

Fiquei chocada, revoltada quando ouvi na rádio e televisão notícias afrontosas, mentirosas sobre a Casa do Gaiato, sobre

essa Obra iniciada pelo Pai Américo, continuada por todos os que aí têm trabalhado, certamente com sacrifícios, muitas dificuldades, muitas renúncias, muitas preocupações. Afinal, esses senhores e senhoras que sabem tanto, que estão tão aflitos com a vida dos gaiatos, porque não se debruçam seriamente sobre os problemas sentidos diariamente na sociedade por haver tantas e tantas crianças e jovens votados ao abandono nas nossas ruas, prostituindo-se, e de que maneira, roubando, drogando-se. Será que também querem, com as suas inovações de pedagogos frustrados, darem uma errada protecção a esses jovens, tirando-lhes a noção de responsabilidade, de trabalho, de organização conjunta e de uma verdadeira liberdade? Será que já leram os livros do Pai Américo e o jornal O GAIATO? Será que já

visitaram as vossas Casas e viram como tudo funciona? Será que sabem de que famílias, de que misérias, de que ruas muitos desses rapazes saíram e de que aí têm uma casa, uma cama, uma mesa, um espaço seu e de todos e portas abertas para saírem ou regressarem quando quiserem?

Penso que não, que nada sabem. Porque se sabem e tomam atitudes destas, então algo de muito grave se está a passar nas suas mentes e nos seus corações e isso poderá vir a ser a negação da verdade, do bem e da justiça, apodrecendo a nossa já doente sociedade.

Sei que todos quantos aí trabalham têm a força e a fé que emana de Deus e que essa Obra continuará para bem de todos, apesar das pedras lançadas por quem talvez nunca haja despertado para estes problemas nem ainda tenha feito pelos irmãos mais carenciados.

Peço desculpa da carta ir tão longa, mas não consegui calar o que sinto.

Assinante 13621».

DOCTRINA



Tenho um sonho...

A procura de Gaiatos, na sucursal do Porto, é um facto consolador, fora e acima de tudo quanto nós esperávamos. Quase sempre, quando ali vou, o porteiro tem a novidade na ponta da língua, de que estivera ali um senhor a pedir Gaiatos para empregar. São notícias felizes. Porto a responder. É a Lama dos caminhos que começa a ser o «Limo da terra» como saiu das mãos do Criador. Deus não fez o homem de lama, para a lama. Contudo, é preciso não sermos demasiadamente optimistas. Devemos olhar com muito equilíbrio para a Obra da Rua. Compreender a classe dos pequeninos que nela se abrigam. Contar com as necessárias deficiências. Cada um destes Gaiatos representa séculos de abandono social. Eles trazem a herança dos ancestrais. Rogo, pois, aos senhores bons do Porto, que gentilmente procuram Gaiatos para as suas casas, o favor de não darem por eles mais do que o seu valor, como é costume fazer-se com os artigos da moda, e que por isso mesmo tão pouco duram e tão depressa caem.

DADO o aviso, que vai ser seguramente tomado em conta por todos os amigos da Obra, poderia contentar-me com amostras tão auspiciosas e restringir ao Porto a população da Casa do Gaiato do Porto; mas não. O Porto é muito pequeno para aquilo que nós desejamos. Que os tripeiros me perdoem. Tenho um sonho: Colónias. Pretendemos fazer da Casa do Gaiato de Paço de Sousa um real viveiro de colonos. Já sonhava, antes de começarmos a construir. As linhas grandiosas da Aldeia são, até, um produto do sonho.

ORA aqui há tempos, recolhido no meu leito, lanço mão do jornal do dia e leio o decreto sobre Colonização. Eu, que tantas vezes passo noites em claro, quando penso que dentro em pouco tempo temos na organização centenas de rapazes na classe dos vinte, naquela noite também não dormi, de contente.

NO dia seguinte, muito cedo, não me segurei que não escrevesse uma carta ao Ministro das Colónias. Eu também sou ministro! Os humildes têm muita autoridade. Não sei se foi um sapateiro que duma vez deu uma respeitável sara-banda num dos nossos Reis. É da história. Pois eu escrevi ao Ministro a dizer que assim, sim.

O. Amante

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Correspondência de Família

Um mundo sem rumo

O NOSSO GRANITO — É duro, os homens têm muitas dificuldades em lidar com o peso dele; mas é o nosso símbolo, o «símbolo da Obra da Rua».

Quando viajo pelo nosso País, procuro aquelas ruas mais pobres e não me engano: está ali o Património dos Pobres!... Só a minha cidade fugiu à regra; lembro um Padre Zé Maria, que Deus o tenha, contemporâneo de Pai Américo que, logo que lhe disse ter sido gaiato, ele fez questão de me mostrar o Bairro dos Pobres, e disse com alegria e felicidade: — Isto é o Património dos Pobres. Foi Padre Américo que me fez isto; notei uma lágrima!...

Só a minha cidade não tem o granito: numa cidade vizinha, Montemor-o-Novo, que conheço, faz dezenas de anos, há uns dois anos encontrei, por acaso, o granito com os dizeres «Património dos Pobres». Na cidade de

Moura, uma rua com o nome de Pai Américo e o respectivo granito e os mesmos dizeres: «Património dos Pobres».

Tudo isto vem a propósito da presença na televisão de Padre Acílio, lutando pelo bem dos seus filhos.

Vou continuar, sem perguntar a ninguém, pelas cidades deste País a procurar o nosso «Património».

Um dia também escolhi os caminhos de Pai Américo, em Espanha: fui a Tuy e Vilariño de la Ramallosa, na Galiza, onde Pai Américo deu passos muito importantes na sua vida.

Está-me atravessado não poder ir a Moçambique, neste momento, era mais um lugar em que pisava os locais por onde Pai Américo passou.

Admiro a luta de Padre Acílio e todos os outros Padres da Rua, a luta cerrada; mais pesada que todo o «granito da nossa Obra da Rua». A luta pelas crianças da rua vale mais que o granito de todos os museus que conheci por essa Europa fora. É duro trabalhar com o granito.

A Obra da Rua e seus padres lapidam o granito e com tanto carinho, conseguem modificar os seus filhos da «malvada rua» que estraga a criança.

Deixem-nos trabalhar; adorava ver as Instituições Oficiais a conhecerem a verdadeira Obra da Rua, antes de mandarem palpites.

Oxalá que o nosso granito consiga abrir os olhos às Autoridades e outros descrentes do valor da nossa «Obra da Rua» e dos Padres da Rua, sem excepções.

LIXO PARA MATAR A FOME

— Se não tivesse visto e ajudado, não

acreditava!... Ao anoitecer é costume as pessoas colocarem o lixo nos contentores da Câmara Municipal; desta vez calhou-me a mim, o lixo de minha casa.

Espantado ao ver uma criança, dos seus cinco anos, etnia cigana, dentro do contentor do lixo e com a tampa fechada: — quando levantei a tampa de acesso assustei-me e fugi. A criança gritava!... Passou-me o medo e corri para socorrer a criança!... Estava suja, lambuzada e cheirava muito mal.

A criança mal se solta foge; deixei-a correr e fugir!... Bastou-lhe o susto, pensei eu!...

Esperei!... Daí a pouco era o mesmo e mais três; aproximei-me deles. Tinham razão!... Estavam petiscando borrego assado que alguém deitou fora!... Isto acontecer numa cidade de 13 mil habitantes?... Com muito campo para cultivar!...

Falei-lhes dos riscos de saúde que corriam. Mas daí a pouco quem teve que fugir fui eu, eram tantos os mais velhos que chegavam para ajudar ao pitéu, que tive que fugir para casa.

Que mundo é este que os próprios pais incentivam os filhos à doença?

Aqui, há uns tempos, tive de entrar nas urgências de um hospital, por doença... Colocaram-me na maca e fugiram comigo. Perguntei o que se passava: — era uma criança de etnia cigana com uma indigestão e muitas pessoas da mesma etnia ameaçando Médicos e Enfermeiros; como foi possível as autoridades policiais fugirem às suas responsabilidades.

Pai Américo, numa situação destas, não fugiria à gravidade do problema. Iria, com toda a sua calma, procurar essas crianças e retirá-las da fome e da pobreza.

Teria eu capacidade para fazer o mesmo que Pai Américo? Não tive nem tenho; é preciso saber falar aos ouvidos dos pobres; eu não sei.

Manuel Fernandes

BUSTO DE PAI AMÉRICO — Apesar de ainda não dispormos da totalidade da verba, os quinze mil euros, mas, sim, só dispomos de dois mil, a inauguração será feita com nota de registo. Apelo a todos os Amigos e aos antigos gaiatos que a campanha de donativos à causa ainda não terminou. Só termina quando se atingir a sua meta final. Pois é necessário mais, muito mais.

Pode enviar o seu donativo para: Associação da Comunidade «O Gaiato», Rua Morgado de Setúbal, 91 — 2910-672 Setúbal.

Agradecemos a vossa colaboração, obrigado.

César Amante

Benguela

Enxame de abelhas

FOI uma invasão tão violenta que pôs em pânico toda a nossa Aldeia. A tarde do Domingo passado transformou-se numa batalha como nunca vimos. Houve feridos, alguns com certa gravidade. Os Bombeiros foram chamados. Ao fim de algumas horas a paz voltou e pudemos tomar a refeição do almoço, quando o sol se escondeu.

De que se tratou, afinal? Um enxame de abelhas, escondido há muito tempo, longe ou perto, investiu contra a Casa do Gaiato e tentou ocupar todos os espaços. Gerou muita confusão, é certo, mas não venceu. Estou a escrever dois dias depois da fase do rescaldo, com os pintores a limpar e a pintar as paredes da Casa-Mãe, a mais sofrida. Os rapazes e outras pessoas, de baldes nas mãos, a retirar a sujidade e o lixo deixado pelos pneus queimados. O fumo saído da queima dos mesmos foi a arma principal dos Bombeiros. Enfim, um dia para ficar na memória desta geração! Os mais pequeninos mordidos duramente pelas abelhas não vão esquecer tão cedo! Foi admirável a colaboração

da Helena, médica, dos Leigos para o Desenvolvimento, mais a Susana, enfermeira, sua companheira, mais o carinho da Rita, da Edite, da Filipa e do Pedro. Até o Senhor e o Sacrário tiveram que deixar o seu lugar habitual! A Irmã Rosalina levou-O ao colo para lugar seguro.

É interessante, porém, o que estou a ver. Há uma verdadeira limpeza e renovação em muitos cantos da Casa, onde o esquecimento deixou amontoar muito pó e outras coisas nocivas. Por isso, deste acontecimento da vida veio o bem que há muito tempo devia ser feito. As horas amargas e dolorosas acabaram por gerar renovação que também era necessária. Assim acontece sempre na vida de todos nós, quando nos dispomos a ver com os olhos da fé tudo o que nos possa acontecer. Há sempre algo que o Senhor nos quer dizer.

Estou a lembrar-me do momento dolorosíssimo porque está a passar a Obra da Rua na terra do seu berço. É, sem dúvida, no desígnio de Deus, e falo assim, porque a Obra é de Deus, uma

hora grande a falar-nos da necessidade de renovação pessoal de todos os seus membros mais responsáveis. Na economia divina, estes são momentos privilegiados para a maturação da Fé, em qualquer fase da vida. Tenho consciência de que não estou a falar em cima das nuvens. Expresso o que me vai no coração e falo para mim, em primeiro lugar. O que dá segurança às nossas vidas é que se cumpra a vontade do Pai. Descubri-la sempre, eis a prioridade da nossa ocupação.

Fiquei muito contente com a notícia que me chegou, há poucos dias. Por isso, quero partilhá-la convosco. Dezasseis salas de aula vão ser construídas para o ensino técnico, dentro em breve. O responsável administrativo do Bairro que nos rodeia veio conversar comigo para me dar a notícia e nos entendermos sobre o local. A construção vai ser mesmo numa parcela de terreno nosso que não serve para mais nada e facilita o levantamento da obra. Assim, de mãos dadas, cada um a dar a sua ajuda, não há problemas que resistam. As crianças e os jovens

necessitam de respostas urgentes, enquanto é tempo. O caminho do ensino técnico-profissional é, dentro deste contexto actual, uma das prioridades no campo da educação. Damos todo o apoio. Vamos colher os frutos deste empreendimento. Cerca de uma dezena dos nossos rapazes estão no Centro da Catumbela, nas áreas da electricidade, serralharia civil e mecânica. Depois do terceiro nível escolar, correspondente à oitava-classe, fazem o seu curso técnico-profissional que lhes vai permitir enfrentar a vida com a segurança tranquilizadora. Por isso, vejo a construção desta escola como uma porta aberta para a vida digna de tantas e tantas crianças.

O novo Centro Infantil está a caminhar, como os bebés caminham nos colos das mães. É a por-

ção mais querida. Estamos a ajudar a construir o edifício humano pelos alicerces bem firmes. Por estes dias, mais doze pequeninos, até aos dois anos, vão crescer no ambiente aquecido pelo calor humano das Irmãs que, decididamente, se deixam queimar pelo amor a estas crianças. Quem mais quer vir? É certo que o petróleo representa uma riqueza para Angola, mas só na medida em que todos os angolanos beneficiam das descobertas dos seus jazigos. Também os diamantes, cada vez mais atractivos para as multinacionais. A riqueza, porém, está escondida na profundidade do coração de cada criança. Só há uma técnica eficaz para chegar lá: Amar, amar até dar a vida por todas elas.

Padre Manuel António

Pão de Vida

Lâminas

UMA vintena de filhos nossos estavam a deixar crescer nos rostos, alguns tismados, sinais evidentes do seu crescimento em estatura. E reclamavam, insistentemente, lâminas para os desfazer. Algumas são de curta duração e susceptíveis de provocar cortes indevidos na epiderme, por isso, pouco recomendáveis para quem dá os primeiros passos nessa matéria. É um instrumento pessoal e intransmissível, bem necessário para se apresentarem com imagem de rosto lavado. Criar bons hábitos de higiene nos adolescentes é um degrau a subir na auto-estima pessoal, no gosto de agarrar bem a própria vida, não a desperdiçando.

Numa comunidade familiar não se pode nem deve fazer aceção de pessoas. Por isso, a todos os mais espigados foi confiada uma máquina manual para, regularmente, escanhoarem as faces. É bom que eles peçam aquilo a que têm direito, numa Casa que não onera o erário público nem reclama para os seus maquiãs vitalícias. O pão nosso de cada dia nos basta.

O ambiente social do País ficou toldado com um fenómeno que começou a explodir, já sinalizado pelas forças de segurança: gangs organizados de jovens, desocupados e desmotivados das nobres causas, provenientes não só de estratos sociais de magros recursos e sem habitação condigna, mas que enxameiam em ruelas escuras ou bairros massificados, em altura e sem espaços verdes. Os negócios chorudos da escuridão não têm rosto, mas são comandados por filhos das trevas, astuciosos.

Não nos têm chegado pedidos de acolhimento de crianças tenras, sem família ou abandonadas. Será que os mais pequenos têm todos o carinho dos pais, uma casa, escola de qualidade e cuidados de saúde?

No correio têm vindo relatórios de adolescentes, à beira dos 18 anos, que percorreram veredas e não têm sequência nem saída em esquemas educativos caducos. Veio, há dias, uma missiva para a admissão de um jovem com 17 anos... As reclusões, em estabelecimentos fechados e sobrelotados, são sempre um fracasso de uma sociedade distraída em demagogia fútil ou projectada em megalomania.

Perguntam-nos, com frequência, se os nossos rapazes se vão embora nessa idade. O rosto com barba não é um certificado de maturidade. É conveniente que a formação humana e espiritual seja consistente para os lançar no mundo, cansado e abatido, em que campeiam ideias curtas.

Nestes dias de ponte, alguns ofereceram-se para limpar a piscina e, entretanto, refrescaram-se

no tanque da avenida. Catorze fizeram uma caminhada espiritual, no trilho dos Santos, pela Serra de Santa Justa, onde celebraram a Eucaristia.

Os filhos de Israel foram transportados, pelo Senhor, sobre asas de águia, desde o Egipto, ao longo do deserto, para que fossem só propriedade d'Ele.

O vazio cultural que preenche os cérebros jovens exige intervenções cirúrgicas urgentes e cuidados primários. A Igreja não os pode perder. E os filhos de Deus não devem distrair-se em foguetórios e comezainas.

Se não caminarmos pelas areias com os mais jovens, alimentando os seus sonhos, pode acontecer que eles, cortados pelas seringas, sejam *arrastados* para o lodo.

Em boa hora, a Diocese do Porto abriu uma Casa para a Juventude se encontrar e procurar o Pastor que Se enche de compaixão por cada um de nós — está sempre apaixonado por ti!

Padre Manuel Mendes

Outro bocadinho de História

Continuação da página 1

segundo a natureza, era o que pressagiavam os de pouca ou nenhuma fé: «Morto o Fundador, acaba-se a Obra».

Quem dera este «milagre» contasse para a beatificação de Pai Américo! Este e quanto desta assistência sentida ao longo dos quase cinquenta anos passados constitui o cerne da nossa resistência e um sinal da sua validade intercessora junto de Deus! Foi e será!, assim a nossa postura consista num esforço de fidelidade ao seu comportamento profético, à sua disposição ao martírio — «Não posso dizer que tenha suado sangue, mas sei o gosto de ser

Setúbal

Fui eu que o salvei!

— SENHOR Padre, venha-me ajudar, nasceu um bezerro! O Fábio vinha radiante com a sua descoberta. Ao contrário do que é habitual, o bezerro nascera num dos currais da vacaria. O normal é que isso aconteça numa divisão apropriada, onde as vacas esperam a hora de dar à luz os seus bezeros — a maternidade.

Lá fui atrás dele, pronto para o auxílio que com tanto entusiasmo me viera solicitar.

— Aqui está ele!, indicou o Fábio.

Rapidamente entrou no curral e abraçou o vitelo carregando-o até à manjedoura, de onde o ajudei a passar para o lado de fora. Era um animal forte, corpulento, o que me levou a considerar tratar-se de um macho.

— Fui eu que o salvei, por isso vai ser o meu boi! — disse o Fábio cheio de orgulho, ao mesmo tempo que lhe dava um nome para mim indecifrável, talvez o de algum atleta ou cantor.

De seguida, eu e o Fábio agarrámo-lo, mas o jeito para o transporte não era o melhor. Vendo esta dificuldade, onde a acção de dois era menos eficaz que a de um só, o Fábio agarrou o animal abraçando-o pelas quatro patas e, sem pestanejar, seguiu com ele, em passadas firmes, para o vitleiro.

Enquanto caminhávamos, várias interrogações surgiram no meu pensamento e o meu espírito se admirava com o que estava a suceder. É que o Fábio tem tido uma pré-adolescência muito complicada, cheia de indefinições e de posições extremas. A nossa acção tem acompanhado toda esta instabilidade, sempre procurando orientar para a harmonia da sua personalidade.

Nesta entrega do Fábio, carregando o seu boi abraçado ao seu corpo, vi a harmonia e a pureza da actividade humana em relação com a natureza, dominando-a e servindo-a, sinal também do equilíbrio com que se vai estruturando a personalidade do Fábio.

Como é importante, para um efectivo crescimento, a posse das coisas; dominar a natureza é fazer dela a nossa casa. E depois de adquirir este conhecimento, perceber que tudo afinal foi um trampolim para nos prepararmos para acolher aquilo que é verdadeiramente nosso...

Como é, pois, importante a intuição de Pai Américo ao fazer da sua, uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes! Este sentido de propriedade é uma ajuda fundamental para o crescimento do Rapaz, para a sua harmonia e equilíbrio, que técnica alguma pode substituir.

Quantos desafios não são lançados por via deste nosso lema?! Assim o quer, no entanto, a natureza; assim o quer o bem do homem.

Padre Júlio

martir» — que foi o fim de quase todos os Profetas, como ainda há poucos dias nos recordava a leitura, cheia de beleza e de vigor, das *Actas do martírio de S. Justino e dos seus companheiros*, no século II da nossa era quando o *césar* de então se chamava Marco Aurélio. E não há tempo da História sem os seus *césarios!*...

Neste 10 de Junho em que, por ser o Dia de Portugal, a Igreja nos propõe a memória do Santo Anjo da Guarda da nossa Pátria, abraçamos a proposta. E com Pai Américo que tanto amou a sua Pátria e tão bem a serviu; e com todos os Eleitos que nela tiveram berço — mais três dias e celebraremos Santo António — rogamos a Deus para o seu Povo a bênção de ter quem o governe com inteligência e coração limpos, em autêntico acto de sacrifício.

Padre Carlos